

Função Leitor:

**OSVALDO SAIDON (Argentina)**

**Tema 2**

**Neurociências e Psicanálise**

Bom, às três missões impossíveis que nos assinalava Freud, curar, governar e ensinar, deveríamos hoje acrescentar a função leitor criada pelos Estados Gerais da Psicanálise. Também na função leitor, como na análise, se trata de enfrentar e elaborar as resistências que esta tarefa desperta. Começemos então a responder ao desafio.

Os trabalhos que tive a sorte de ler coincidem na crítica das neurociências, tanto nos fundamentos que nutrem essa disciplina como no modo em que atua no campo da saúde mental. Reduccionismo para Alberti, categorização para Villela, medicalização para Magalhães, biologismo para Winograd, pensamento único para Katz

A partir de uma perspectiva crítica, todos os autores alertam para a necessidade de uma atitude criativa, que trabalhe os mesmos perigos que citei anteriormente, do interior do campo psicanalítico. Mas toda semelhança entre as abordagens desaparece quando retiramos um dos termos da temática, o da neurociência, e fica o da psicanálise, onde as diferentes concepções em relação à ciência do inconsciente nos leva por diversos e interessantes caminhos.

Revisemos então rapidamente as diferentes perspectivas das quais os autores se incluíram neste debate que a atualidade nos convoca, entre neurociências e psicanálise.

Chaim Katz nos propõe desde o começo uma abordagem epistemológica, onde se colocam em relevo os fundamentos do pensamento que hoje sustenta o trabalho científico e os avanços tecnológicos no campo da neurociência. Descreve, assim, as chamadas neurociências atreladas ao pensamento único, o mesmo que hoje nos conduz à hegemonia do império e sua política de guerra.

A partir do próprio título do trabalho, nos chama à resistência a este pensamento único, contra a desesperança que se percebe em muitos pensadores atuais. Anuncia a psicanálise como um ator nessa resistência, na condição de que ele mesmo revise o modo em que o pensamento único atua. Fundamenta sua crítica à tendência epistemológica centrada na idéia do sujeito humano fundado na genética.

Através de uma série de referências que nos dão uma interessante informação, que não repetirei aqui, ligada à manipulação do genoma e aos trabalhos com placebo, às dosagens químicas da urina, nos mostra como o pensamento único, genômico, ligado a um fazer verdadeiro, estão determinados pela política financeira dominante.

Para Chaim Katz, a psicanálise não se estabelecerá também como pensamento único na condição de que resiste, de seu interior, a essa pretensão. Cita Foucault, no apoio de sua tese, quando diz: “o discurso freudiano é tal que modificadas as condições culturais e sociais, ele também se modifica.”

Padeso discute dois conceitos que neste sentido são o individualismo, quando diz que ninguém fabrica seus sintomas apenas de modo individual e sim

textual e, também, o conceito de narcisismo, quando critica uma certa psicanálise contemporânea que vê nas produções culturais e sociais narcisísticas a determinação por um psiquismo tipo, único e dominante.

Voltando a um ponto interessante para a discussão, ele plantea dois conceitos que tendem a hegemonizar hoje o pensamento psicanalítico e derivá-lo a um tipo de pensamento único, de individualismo e de narcisismo tomados como produção cultural dominante. O autor, quando adere à idéia de que o saber de Freud é transdiscursivo, nos proporciona as chaves para as leituras que se seguem.

Priscila Magalhães parte de uma referência, Foucault, naquela célebre forma que caracteriza a loucura como ausência de obra. A separação entre loucura e doença mental que Foucault possibilitou-nos pensar autoriza a autora a apresentar novos desafios para a experiência analítica. Se realmente consegue separar-se dos universos da psiquiatria medicalizante, possibilidade e risco das intensidades a serem realizadas no procedimento analítico; consegue-se este procedimento analítico, dizia a autora, abandonando a intimidade restrita do campo transferencial.

Ali entra em jogo um desafio para a análise, quando se põe no lugar da prática medicalizante que termina abortando o trabalho de elaboração e de criação que marca presença no mundo, quando se aborda a loucura desde um paradigma estético.

Ângela Villela, nossa terceira autora, em seu trabalho, propõe uma política do sintoma para enfrentar o eficientismo medicalizante de nossa época. Baseia-se no primeiro Freud para mostrar o reducionismo que leva ao apaziguamento da angústia, típica de uma prática clínica da contemporaneidade.

Uma velocidade intolerável é posta em marcha através dos avanços farmacológicos que possibilitam as neurociências.

Citando Virilio, teórico da velocidade, nos lembra a fórmula “suprimir o distanciamento, mata”. O que nos possibilita entender, no caso que ela apresentava, um caso de ataque de pânico como a consumação desta vertigem a que nos condena a contemporaneidade. A medicação deveria ser pensada, então, enquanto impede ou possibilita o procedimento analítico. Ante a especialidade própria do cientificismo contemporâneo, a autora nos convoca à espacialidade e à liberação de lugares. Devolver então ao sintoma seu caráter revolucionário e político no contexto restritivo que nos cerca, é sua proposta clínica.

Monah Winograd faz trabalhar os conceitos freudianos de pulsão e afeto como conceitos-membrana, articuladores e fronteiras do fisiológico e psicológico. Considera esta conceitualização, a de conceitos-membrana, a que deveria servir de base epistêmica para pensar as relações com a biologia e as neurociências, as relações entre fisiologia e psiquismo. Em relação aos fundamentos e às intervenções das neurociências se pergunta, e aqui sua abordagem se toca com a de Chaim Katz, se se trata de negociar com as neurociências ou, na verdade, o que se trata é de analisar os modos de subjetivação que elas produzem.

Finalmente, se pergunta pela consistência dos conceitos-membrana na obra de Freud e, aqui, tem que recorrer ao pensamento de Deleuze. As reflexões sobre a endo-consistência dada por componentes inseparáveis e heterogêneos e a exo-consistência dada pelas pontes entre os conceitos, levam a afirmar que não cabe à psicanálise teorizar sobre a realidade corporal, sob pena de deixar de ser psicanálise.

Finalmente, quem nos introduz na reiterada pergunta sobre o que é próprio da psicanálise é o trabalho de Sonia Alberti . Sua filiação acadêmica assim exige, e começa com uma definição de Lacan em relação a esta questão. A psicanálise é a ciência da causa psíquica mas a questão fica complexa e se estende quando Alberti nos introduz nas suas próprias investigações e idéias a partir de seu livro “A psicologia no Brasil no século XIX”. Ela faz uma história da discussão entre alma e cérebro e mostra a necessidade que sempre tiveram a psicanálise e a psicologia de proteger-se da hegemonia médica. Cita Freud quando menciona que a inclusão da medicina pode basear a psicanálise em seu mais importante fundamento: o sujeito. Ao citar no final o comentário de um psicanalista, ironicamente nos mostra que neste campo estamos em uma torre de Babel. Em uma confusão de línguas, baseados no grande engano que sustentamos, quando pensamos que sabemos o que realmente acontece diante dos estímulos cerebrais. Esta mesma torre de Babel, a partir de outra perspectiva, talvez possa ser o caos criativo, a que Deleuze e Guattari se referiam em um de seus últimos trabalhos conjuntos, que se chamava *Caos e Cérebro*.